

Uma publicação do Instituto Genildo Batista



Mais de 680 mil pessoas mortas

Vítimas da Covid 19 e do Sistema
Capitalista

A pandemia no Brasil: para honrar os que morreram urge fazer a denúncia da “normalidade”

Esse é o título do texto que **Virgínia Junqueira**, médica e professora aposentada da Unifesp Campus Baixada Santista, escreveu para o INFORMA-SE e que publicamos neste número.

Solicitamos que você o leia e divulgue!

Essa é também, uma forma de homenagearmos as pessoas que partiram e de nos solidarizarmos com suas famílias.

A Proteção da Vida e as "Razões da Economia"

Quando imagens da construção de hospitais em 10 dias na China e de camburões transportando pessoas mortas pela Covid 19 nas cidades do norte da Itália ocuparam os noticiários ao redor do mundo, as medidas de isolamento decretadas em países da Europa Ocidental levaram um filósofo francês - Bruno Latour - a cogitar que a máquina infernal do capitalismo poderia ser travada. Sucederam-se imagens da natureza renascendo nos oceanos, rios, lagos e nos campos, de pequenos animais que ganhavam de novo a possibilidade de transitar por espaços dos quais eram antes rechaçados, de cidades que voltavam a ter o ar despoluído.

No entanto, desde o início o travamento dos "moinhos infernais" foi muito parcial. Logo em seguida tornou-se evidente que o próprio enfrentamento da pandemia não incluía questionamento do modo de vida marcado por uma específica e predatória relação com a natureza e pelas precárias condições de moradia e trabalho (ou da falta de trabalho) de bilhões de pessoas.

A proteção da vida não conseguiu predominar sobre as "razões da economia". Mesmo os auxílios aos que ficaram sem renda em certos períodos de tempo foram orientados predominantemente pelos interesses de setores do capital.

Mais uma vez ficou provado que o gasto com as pessoas - ultrapassando trilhões de dólares nos países afluentes do Ocidente - não provocou o fim do mundo, como geralmente ameaçam os que deixam bilhões de pessoas entregues à própria sorte em tempos "normais". A prova é que nos EUA os gastos com a Covid 19 superaram os do Plano Marshall.

Aliás, a volta à dita "normalidade" significou, como já podia ter sido vislumbrado, o retorno a um contexto de super exploração da força de trabalho, atestado pelos lucros das grandes empresas que se beneficiaram crescentemente com a falência das médias e pequenas empresas.

"A proteção da vida não conseguiu predominar sobre as "razões da economia". Mesmo os auxílios aos que ficaram sem renda em certos períodos de tempo foram orientados predominantemente pelos interesses de setores do capital".

A Auditoria Cidadã da Dívida - ACD, de forma incansável, denunciou os reais interesses das medidas do governo, aprovadas na Câmara e no Senado

Confira aqui

Artigo de Maria Lucia Fattorelli, intitulado: "Utilização da Pandemia para aprofundar o Sistema da Dívida e a Financeirização"

O QUE ASSISTIMOS

O que assistimos: a negação mais ou menos explícita da pandemia, como nos EUA - o país mais rico do mundo que ultrapassou 1 milhão de mortos sem que houvesse qualquer alarde - propostas e iniciativas de exposição das populações ao contágio (como inicialmente no Reino Unido, como no Brasil e mesmo na Suécia, para citar alguns países), e em seguida medidas de assistência que privilegiaram o tratamento hospitalar intensivo, com seu cortejo de respiradores e aparelhagem de alto custo.

Em inúmeros estudos foi constatada a desigualdade da “distribuição” da carnificina: no cômputo mundial, mais de 2/3 dos mortos são os velhos, a população negra e os povos originários, enfim os pobres, principalmente os que já carregavam alguma doença. Da mesma forma a possibilidade de ter acesso às vacinas e aos antivirais também está marcada por barreiras sócio-econômicas.

Diante dessa situação catastrófica, muitas vezes quem se insere nas chamadas “classes médias” não compreende a reação da população pobre brasileira que parece minimizar o papel nefasto e desagregador exercido pelo presidente da república. Mas vejamos: a assistência a essa população, se tomamos especificamente o atendimento a doenças e transtornos, já era caótica nos ditos tempos “normais”. Quantos já morreram esperando nas filas de tratamento de câncer, das doenças cardio-circulatórias, de sequelas de traumas violentos, à espera de cirurgias? A reemergência das doenças infecciosas, em surtos e epidemias sucessivas no século XXI, veio impor mais um flagelo aos pobres e assusta de passagem os privilegiados.



E no Brasil, o que dizer sobre o Sistema Único de Saúde - o SUS, que repentinamente foi lembrado pelos vários níveis de governo e pelos meios de comunicação?

As Equipes do Sistema Único de Saúde - o SUS se esforçaram...

Ainda que já lutassem, em meio ao subfinanciamento crônico, agravado pelo desfinanciamento pós Emenda Constitucional 95 de 2016, com quadros de pessoal extremamente deficitários e equipamentos precários para enfrentar à grave situação de saúde “normal” vivida pela maioria do povo brasileiro, as equipes do SUS se esforçaram por atender assim que se recuperaram da fase inicial muito conturbada da pandemia, em meio à ausência absoluta e deliberada de coordenação nacional.

Os governos estaduais e principalmente os governos municipais tentaram se reorganizar como puderam, mas em muitos estados houve falhas que, maximizadas pela inação do Ministério da Saúde, causaram milhares de mortes como em Manaus.

Finalmente, estudos apontam que das quase 700 mil vidas perdidas que enlutaram e desgraçaram as famílias brasileiras, milhares de mortes poderiam ter sido evitadas, ainda que já vivêssemos uma deterioração das condições de vida, de degradação dos direitos sociais tão duramente conquistados, de exploração e precarização do trabalho e de desassistência no SUS.

Não podemos permitir que tantos sofrimentos sejam esquecidos ou minimizados. Denunciar sem descanso a necropolítica praticada desde sempre pelo governo brasileiro e as causas da desigualdade que submete as vidas regidas pelos interesses do capital é uma forma de honrar a memória dos que morreram.

Sempre que reflito sobre a calamidade que tem sido a pandemia para a população oprimida e explorada, em todo o mundo, lembro de imediato as palavras de Atahualpa Yupanqui:
Y asi seguimos andando
Curtidos de soledad
Y en nosotros nuestros muertos
Pa'que nadie quede atras

O IGB agradece à Virgínia Junqueira essa **valiosa contribuição, muito importante, especialmente nesse momento eleitoral**, em que nos discursos todos/todas/todes defendem a Saúde Pública